

Agostinho Neto, um poeta social

Regina Helena Pires de Brito*

ORCID iD <https://orcid.org/0000-0002-0634-8572>

Camila Concato**

ORCID iD <https://orcid.org/0000-0003-2003-2205>

Resumo: Agostinho Neto, político angolano de grande importância, também foi poeta. Busca-se neste trabalho analisar as fases de sua produção poética e a relevância de tal escrita no que tange ao cotejo com a evolução social de Angola. Para atingir esse objetivo, examina-se cada fase a partir de suas características gerais e de seus poemas específicos. As interpretações analíticas regulam-se pela situação histórica colonial e de independência, assim como pelo despertar e resistência do indivíduo traduzido por um sujeito poético social, traçando, por meio da escrita, um percurso que se divide em três etapas: evocação, convocação e consolidação. Para alicerçar a análise da trajetória poética de Agostinho Neto, os teóricos Alfredo Bosi e Antonio Candido, bem como estudos específicos organizados com enfoque na produção literária do político-poeta, foram elencados como base para o sentido interpretativo.

Palavras-chave: Agostinho Neto; Poesia social; Resistência; Angola; Lusofonia

Agostinho Neto, a social poet

Abstract: Agostinho Neto, an Angolan politician of great importance, was also a poet. The aim of this work is to analyze the phases of his poetic production and the relevance of such writing in relation to the comparison with the social evolution of Angola. To achieve this goal, each phase is examined from its general characteristics and its specific poems. The analytical interpretations are regulated by the colonial and independence historical situation, as well as by the awakening and resistance of the individual translated by a poetic social subject, tracing, through writing, a path that is divided into three stages: evocation, summoning and consolidation. To support the analysis of Agostinho Neto's poetic trajectory, theorists Alfredo Bosi and Antonio Candido, as well as specific studies organized with a focus on the political-poet's literary production, were listed as the basis for the interpretive sense.

Keywords: Agostinho Neto; Social poetry; Resistance; Angola; Lusophony

* Pós-Doutorado na Universidade do Minho (Braga-Portugal), Doutora e Mestre em Linguística pela FFLCH-USP. Professora Adjunto III, Coordenadora do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Letras da UPM (PPGL-2017- 2022). Desde maio de 2022, Coordenadora da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UPM. Coordenadora do Colégio Doutoral Tordesilhas em Linguagens, Sociedades e Culturas (desde 2018). Líder do GP CNPq - Cultura e Identidade Linguística na Lusofonia; Vice-líder do GP O discurso pedagógico de Paulo Freire: uma leitura. Docente e coordenadora do Núcleo de Estudos Lusófonos do PPGL da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Membro do Museu Virtual da Lusofonia (Portugal).

** Doutoranda em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie, bolsista Mackenzie. Mestre em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie (2018), bolsista CAPES. Graduada em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda pela Fundação Armando Álvares Penteado (1998). É licenciada e bacharela em Letras (Português/Inglês) pelo Centro de Comunicação e Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie (2015), foi bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID Mackenzie/Major Arcy) e do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica (PIBIC Mackenzie - "Trágico: um estudo do gênero e da produção escrita em O Remorso de Baltazar Serapião de Valter Hugo Mãe") sob orientação de Aurora Gedra Alvarez. Tem artigos publicados em anais de congressos nacionais e internacionais. E-mail: concato@uol.com.br

Agostinho Neto, nsonekiwa kimvuka muna kufica

Agostinho Neto, única mansueki missionários ngola mutu wanfunu kibeni, yempe kakala nsoneki. Mukiakisalu tufuete yindula é ndambu zalu nungukumuna soneca ye unene wa madona mesmo muna mpila ya lunu ngunuku lua kimvuka kia nova. Muna Luanda mu maravilha momo difuene muna ínsula conso nome tua nuna mpilandi ya inveja ye missionários mandei má kinenen. É mbangululu zona guindulua zetikutussonga é mambu mafiosa muna ninguém a kolo jo ye kimpuanza, bonso bakandue na ye kala wa chaminés é mutu.wa bangulua muna diambu diansonekiwa kinvuka muna nzila ya missionários lukangalalu logo lua vambulua muna mkuku zitata. Lomba ye vutu lá ye tallulula. Muna kumika é nkanngalalu a nsonekeno Agostinho Neto, mmuna noruega za Alfredo Boso ye António Cândido, yendogokelo zampuena za kubikua muna ndongokelo muna nvutuza nsonekeno ye nsoneki, a solua muna mbangudulu a missionários.

Mambu ma vambulua: Agostinho Neto, Messina ma kimvuka; Kalanangui

Introdução

Pode-se dizer que António Agostinho Neto é uma das figuras públicas mais importantes da história recente de Angola, país localizado na África subsaariana. Sendo médico de formação, sua escrita se fez prolongamento do todo constitutivo de seu país, tornando-o um político que alude à fâscia da anatomia angolana. Nesse sentido, a trajetória de Agostinho Neto levou-o a um único caminho possível, o de um poeta social. Sua produção literária, consciente dos meandros da formação do indivíduo que foi destituído de sua identidade para, depois, lutar por resgatá-la, ressalta valores políticos e sociais para chegar até o leitor.

A poesia social surgiu para contrapor o movimento concretista – no qual há uma valorização maior da forma e da objetividade em detrimento do conteúdo discursivo subjetivo, recuperando o lirismo e utilizando a palavra como instrumento de revelação e denúncia. Sendo assim, na construção dessa categoria poética ocorre uma espécie de simbiose entre o fato histórico e o movimento de ser no mundo, fazendo da poesia um processo que acompanha a evolução social do indivíduo. Segundo o crítico e sociólogo Antonio Candido, esse viés social discursivo

Se aborda o ser, imediatamente lhe ocorre que seria mais válido tratar do mundo; se aborda o mundo, que melhor fora limitar-se ao modo de ser. E a poesia parece desfazer-se como registro para tornar-se um processo, justificado na medida em que institui um objeto novo, elaborado à custa da desfiguração, ou mesmo destruição ritual do ser e do mundo, para refazê-lo no plano estético. (CANDIDO, 2017, p. 69).

Refazer no plano estético é o que Agostinho Neto propõe ao ser poeta. O minucioso conhecimento do sujeito e da circunstância de seu país, desde o cotidiano de acontecimentos até a realidade política, desconstrói o lugar-comum de ambos e lhes dá sentido e presença dentro do plano estético poético. Por isso a linguagem é simples, porque é requintada pelo cotidiano. Dar vida ao eu lírico de uma poesia social é denunciar o recorrente tornando contínua a crítica e o engajamento do “eu” que representa “todos”, ou seja, do poeta que é, ao mesmo tempo, criador e criatura.

Agostinho Neto foi médico, poeta e político. É interessante notar essas três perspectivas entrelaçadas no que tange à figura simbólica que ele se tornou para Angola. Como médico, o intento é salvar vidas; como poeta, é dar sentido à vida; como político, é permitir que o cidadão seja digno de sua própria vida. O acesso às três vertentes transforma o autor em uma potência do resistir. No entanto essa resistência pôs-se em evidência por meio de um percurso marcado por etapas de certa forma previstas dentro do contexto.

Desse modo, sua trajetória intelectual aconteceu como o de muitas vozes importantes da Angola colonial, foi, por exemplo, estudar medicina em Portugal e dentro do universo acadêmico, tornou-se um dos fundadores da CEI (Casa dos Estudantes do Império). A partir disso, engajou-se ainda mais em movimentos políticos e sociais. Nota-se que seu percurso de ir contra a política colonial vigente o levou, ao final, ao posto de chefe da nação como presidente, ou seja, cada parte de sua cronologia é cunhada da constituição da própria nação de Angola.

O presidente-escritor foi poeta já por concepção. A escrita acompanhou desde suas escolhas individuais até imposições circunstanciais históricas, compondo essência e percepção. Alfredo Bosi, crítico literário, afirma que “O poeta é o doador de sentidos” (BOSI, 2000, p. 163), por meio da poesia ele significa e ressignifica. Seguindo por esse viés, pode-se dizer que Agostinho Neto doa ao leitor, por meio do eu lírico, o sentido de ser cidadão angolano em toda a sua plenitude humana, reconhecendo as falhas do eu e transformando-as.

A poesia social de Agostinho dá sentido à existência do cidadão comum. Ao analisar seus poemas percebe-se que há um caminho que perpassa por fases diferentes, quase que uma trajetória do herói que sai “em busca de”, se desconstrói, retorna para tornar-se identidade e, ao final, é pura resistência, pois é cicatriz da caminhada. Por isso

primeiro observa-se em seu texto um espelhamento do que já existia, quase que uma percepção apurada, antes mesmo de uma função memorialística, do que já estava estabelecido socialmente. Em seguida concebe-se uma desconstrução desse espelhamento na consciência das diferenças propiciando um retorno à origem cultural, o que resulta em uma apropriação da verdade. Esse decurso transparece identitariamente no texto e torna-se movimento de resistência.

Ainda com o suporte teórico de Bosi, percebe-se que um movimento inverso se estabelece no percurso do homem Agostinho Neto. O crítico, em sua obra *O ser e o tempo da poesia*, discorre que Freud e Gaston Bachelard constroem uma espécie de “ponte” entre a imaginação e o poema (BOSI, 2000, p. 31). Nesse sentido, existiria um movimento simbólico que se inicia na imagem de algo para transformar-se no texto desse algo. Entre um e outro, para que essa transformação seja viável e possa ocorrer, há que se passar pelo curso das palavras, isto é, pelo discurso. Nota-se que na história do angolano esse movimento aconteceu inversamente. Como poeta escritor, em uma primeira fase, as palavras em sua obra aparecem demonstrando, apenas constatando, isto é, o **texto** se faz propósito elementar. Em uma segunda fase, é o **discurso** que se estabelece, pois significados são constantemente inseridos em sua construção poética, caracterizando um discurso direcionado. Já em uma terceira fase, aquela em que se consagra o que se previu a princípio (texto) e se desdobrou em seguida (discurso), estabelece-se o acontecimento, ou seja, a **imagem** está posta.

Sendo assim, decompondo os três estágios da escrita poética de Agostinho, denota-se que a fase 1 é aquela em que se antevê o porvir. Três aspectos podem ser destacados nesta etapa, o primeiro é que existe na produção uma consciência de alienação, uma percepção que deve acontecer antes da mudança. Por perceber isso e aceitar, pode-se dizer que se sobressai nesses poemas o fim da ilusão e isso precede o conhecimento como sabedoria de si dentro do coletivo. Outro aspecto visível é o de os poemas desta fase partirem de uma essência central que é uma inconsciência caótica, a elaboração do conteúdo parte de uma sensação de caos interno. Por fim, o terceiro enfoque pode ser associado ao texto do processo inverso baseado em Bosi. O início ocorre pelas palavras postas, não questiona, apenas fornece. É um tempo de evocação,

assim como demonstrado no poema *Desterro*¹, no qual evoca-se a coragem como primeira percepção antes da mudança que se consagra como reencontro ou regresso:

Para ti também
mamã
há uma só palavra
nesta nova partida para o desterro
-² Coragem, voltaremos a encontrar-nos

Irene, Elisa, Dady
nomes duma ternura de sangue
- Coragem, voltaremos a encontrar-nos

**O que no meu coração existe por todos vós
irmãos do meu sangue, da minha raça do meu povo**
Para ti “Ti Duia”, rei no Cemitério Novo
é esta palavra de luta e de fogo
-Coragem até o regresso
[...]

Abaixo, em *Adeus à hora da largada*, fica evidente a sabedoria de si dentro do coletivo. O verbo “somos” é a marca gramatical desdobrada que preconiza o detalhamento do fim da ilusão. “Somos teus filhos com fome, sede, medo e vergonha” traz a sensação do súbito conhecimento da realidade caótica.

[...]
Eu já não espero
sou aquele por quem se espera
[...]
Hoje
somos as crianças nuas das sanzalas do mato
os garotos sem escola a jogar a bola de trapos

¹ Todos os poemas utilizados na análise deste estudo encontram-se no site agostinhoneto.org

² Em todos os poemas escolhidos o destaque em negrito é grifo nosso para a demonstração do excerto analisado.

nas areias ao meio-dia

somos nós mesmos

os contratados a queimar vidas nos cafézais

os homens negros ignorantes

que devem respeitar o homem branco

e temer o rico

somos os teus filhos

dos bairros de pretos

além aonde não chega a luz eléctrica

os homens bêbedos a cair

abandonados ao ritmo dum batuque de morte

teus filhos

com fome

com sede

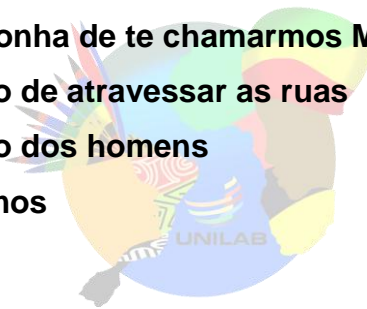
com vergonha de te chamarmos Mãe

com medo de atravessar as ruas

com medo dos homens

nós mesmos

[...]



Outro poema em que fica evidente as características da primeira fase é o *Havemos de voltar*. As palavras são postas como sem um questionamento, apenas são fornecidas realidades, as que antecedem neste caso. Nas partes destacadas, como em “havemos de voltar à bela pátria angolana, nossa terra, nossa mãe, havemos de voltar”, o verbo “haver” demonstra uma percepção de algo que se faz necessário, mas que ainda não é concreto.

[...]

Aos nossos rios, nossos lagos

às montanhas, às florestas

havemos de voltar

À frescura da mulemba

às nossas tradições

aos ritmos e às fogueiras

havemos de voltar

À marimba e ao quissangue

ao nosso carnaval

havemos de voltar

À bela pátria angolana

nossa terra, nossa mãe

havemos de voltar

Havemos de voltar

À Angola libertada

Angola independente

É importante notar que nos três poemas analisados mostra-se uma percepção da realidade que precede a mudança de paradigma. É a evocação do porvir. Com relação à fase 2, destaca-se que é a que fornece significado. Três são também as perspectivas deste ciclo, a primeira condiz com um despertar da consciência, pois a inocência acaba, agora já há um conhecimento da origem. Nesta etapa evidencia-se nos textos o início da possibilidade da ação. O sujeito poético passa a formular a própria experiência e não apenas constatá-la.

A segunda perspectiva denota que os poemas desta fase partem do ego como essência central, revelando que é o indivíduo o ponto de partida. Por último, o terceiro enfoque pode ser associado ao discurso do processo inverso baseado em Bosi, pois há uma formulação identitária e uma consolidação da perspectiva de libertação. É a convocação, a resistência. Em *Na pele do Tambor*, nota-se esse ego como essência central, pois no trecho “As mãos entrelaçadas sobre mim” o pronome “mim” depreende um campo de sustentação basilar no qual se desenvolve percurso das mãos. Já o “Avante” ao final é a respectiva convocação à resistência:

[...]

As mãos entrelaçadas sobre mim

em gozo de vida em gargalhadas em alegrias

de lagos libertados por amplo verdes
para os mares
dão-me o tom da minha África
dos povos negros do continente que nasce
fora dos abismos escurecidos da negação
ao lado de ritmos de dedos congestionados
sobre a pele envelhecida do tambor
dentro do qual vivo e vibro e clamo:

AVANTE!

Seguindo a lógica das características da segunda fase da produção de Agostinho Neto, no poema *Confiança* o eu lírico formula a própria experiência, além da constatação. O excerto “eis-me presente” estabelece logo no início uma experiência vivenciada, que está acontecendo. Da mesma forma, em “resultou certeza” o verbo “resultou” é evidência de algo vivido. Agora há a memória é prática do experienciado, “as minhas mãos colocaram pedras nos alicerces do mundo”, ou seja, foi através de mim – essência central, do eu lírico, que ocorre uma perspectiva de libertação, merecendo “meu pedaço de pão”.

O oceano separou-me de mim
enquanto me fui esquecendo nos séculos
e eis-me presente
reunindo em mim o espaço
condensando o tempo

Na minha história
existe o paradoxo do homem disperso

Enquanto o sorriso brilhava
no canto de dor
e as mãos construía mundos maravilhosos

John foi linchado

o irmão chicoteado nas costas nuas
a mulher amordaçada
e o filho continuou ignorante

**E do drama intenso
duma vida imensa e útil
resultou certeza**

**As minhas mãos colocaram pedras
nos alicerces do mundo
mereço o meu pedaço de pão.**

É também pertinente notar que na construção do poema *Mussunda amigo* há uma convocação para que essa libertação seja coletiva. Mussunda pode em uma microesfera representar a população angolana: “Mas no espírito e na inteligência nós somos!”. A resistência seria o sonho do sujeito poético traduzido em nação, como explicitado ao final nesta estrofe: “Inseparáveis e caminhando ainda para o nosso sonho”.

Para aqui estou eu
Mussunda amigo
Para aqui estou eu

Contigo
com a firme vitória da tua alegria
e da tua consciência

[...]

**Mas no espírito e na inteligência
nós somos!**

**Nós somos
Mussunda amigo
Nós somos**

Inseparáveis e caminhando ainda para o nosso sonho

No meu caminho
e no teu caminho
os corações batem ritmos
de noites fogueirentas
[...]

A formulação identitária fica evidente na convocação para a luta e para a realização. A fase 3 da produção poética de Agostinho Neto mostra-se mais ideologizada e combativa. Fica evidente a influência da experiência de quando o autor foi preso pelo PIDE e também do movimento anticolonial, especificamente. Pode-se dizer que este terceiro e último momento é o que se configura como o “estar no mundo”. Por conseguinte, é a fase da conscientização, pois ocorre a composição da realidade a partir da confluência das duas fases anteriores. É uma prefiguração da consciência de liberdade. Neste ciclo final, a essência central é a consciência coletiva, o indivíduo representando o todo e todos. Da mesma forma que ocorre nas fases anteriores, o último aspecto desta fase pode ser associado à imagem do processo inverso baseado em Bosi, é a consolidação.

Em a *A voz igual*, o sujeito poético se torna de fato coletivo, apresentando a consciência do todo, uma conscientização do conjunto das outras fases, fase 1 – evocação, “Povo negro/homens anônimos no espírito da triste vaidade branca”; fase 2 – convocação, “Um amanhecer vital em que se transforma as sensações orgânicas sobre o solo pátrio”. A junção que determina a fase 3 é demonstrada no trecho: “caminhamos já vitoriosos sobre a condição moribunda”, sendo “caminhamos” o verbo que instaura o coletivo e o “já vitoriosos” a expressão que inaugura a consolidação.

Neste amanhecer vital
para os acontecimentos extraordinários
por montes e rios, por anharas e preconceitos
**caminhamos já vitoriosos
sobre a condição moribunda**

Um amanhecer vital

em que se **transforma as sensações orgânicas
sobre o solo pátrio**

[...]

Povo negro

**homens anónimos no espírito da triste vaidade branca
agora construindo a nossa pátria
a nossa África**

e no traço luminoso dos dias magníficos de hoje
definem a África solidária e esforçada
contra os desvarios duma natureza incongruente
na independência

num mundo novo com a voz igual

[...]

Construção

e

reencontro

[...]

Do caos para o reinício do mundo

para o começo progressivo da vida
e entrar no concerto harmonioso do universal
digno e livre

povo independente com voz igual

a partir deste amanhecer vital sobre a nossa esperança.



“Construção e reencontro”, todo o percurso de consciência, resistência e coletividade ideologizada condensam-se para combater a batalha do “caos” e encontrar o “reinício do mundo”, a independência a partir do “amanhecer vital” que é preche de “esperança”. Outro poema que indica de forma explícita os traços da terceira fase é o *Içar da bandeira*. Nele, o eu lírico fala da lembrança dos heróis que sedimentaram a possibilidade da esperança renovada: “Acima das lembranças dos heróis/ Ngola Kiluanji/ Rainha Ginga/ Todos tentavam erguer bem alto a bandeira da independência”. Além da

base construída pelos heróis, o poema trata da independência, “o dia estava escolhido”, e da consolidação por meio da consciência coletiva. A consolidação da imagem fica explícita.

[...]

Cheguei para ver a ressurreição da semente
a sinfonia dinâmica do crescimento da alegria nos homens

E o sangue e o sofrimento
eram uma corrente tormentosa que dividia a cidade

Quando eu voltei
o dia estava escolhido
e chegava a hora

[...]

Quando eu voltei
qualquer coisa gigantesca se movia na terra
os homens nos celeiros guardavam mais
os alunos nas escolas estudavam mais
o sol brilhava mais
e havia juventude calma nos velhos
mais do que esperança era certeza
mais do que bondade era amor

[...]

Acima das lembranças dos heróis
Ngola Kiluanji
Rainha Ginga
Todos tentavam erguer bem alto
a bandeira da independência

Diante da análise dos poemas e seus aspectos, percebe-se que a obra de Agostinho Neto é configurada por um realismo poético, pois é através da sua poesia que se mostra a realidade. Dentro desse realismo encontram-se três tipos de poesia: a poesia de denúncia, que se faz por uma denúncia engajada; a de combate, que traz um acento

lírico identitário e que por isso é social; e a poesia de libertação, que recusa o antes para se afirmar no agora.

Ainda sobre o que concerne a fundação basilar de sua obra poética, duas características são significativas: a estética e a ideológica. A estética advém da utilização de um jogo de palavras inseparáveis, ou seja, não há necessidade de substituições imaginárias (metafóricas), por exemplo. O que é para ser dito, o sujeito poético diz, são “óbvias” as construções, por isso são inseparáveis. É desse modo que a atmosfera social determina a linguagem na poesia de Agostinho Neto.

Com relação à característica ideológica, é perceptível que a esperança faz parte do percurso das fases, da jornada poética. Ela nasce, estabelece-se e se torna substância de luta. Além disso, a voz do sujeito poético converge todas as emoções de todos, explicitando que as emoções são coletivas. Para finalizar a demonstração de como se faz a consolidação da imagem poética social de Agostinho Neto, seu discurso da independência ratifica a trajetória. Seguem dois trechos específicos:

A determinação revolucionária do nosso povo de combater a exploração do homem pelo homem, a contradição antagônica que nos separa dos inimigos, impõe-nos uma nova guerra libertadora, que assume a forma de resistência popular generalizada e que será prosseguida até a vitória final.

Honra ao povo angolano! Glória eterna aos nossos heróis! A luta continua!
A vitória é certa! A vitória é certa!

Quando Agostinho Neto passa a ser o primeiro presidente de Angola independente, nota-se que, dentre tantos outros aspectos que poderiam ser explorados, a consolidação da **imagem** poética foi construída com o **texto** e com o **discurso**, corroborando o movimento inverso embasado na teoria citada de Alfredo Bosi. O discurso da independência, como um ato final de maturidade literária e social, configura-se, assim, como resultado das três fases elencadas. Pode-se dizer, em certa medida e perspectiva, que ele se torna a “ponte” entre o poema e o homem político.

Referências

Agostinhoneto.org, 2021. Disponível em: <<https://agostinhoneto.org>>. Acesso em: 9 dez. de 2021.

ALVES, Henrique L. Reflexões sobre a poesia de Agostinho Neto. In: *A voz igual: ensaios sobre Agostinho Neto*. Fundação Eng. António de Almeida. Angolá, 1989.

BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Companhia das letras, 2000.

CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2017.

CARTER, Janet Elisabeth. O patriota como poeta, Agostinho Neto e sua arte. In: *A voz igual: ensaios sobre Agostinho Neto*. Fundação Eng. António de Almeida. Portugal: Angolé, 1989.

FERREIRA, Manuel. *Literaturas africanas de expressão portuguesa*. São Paulo: Ática S.A., 1987.

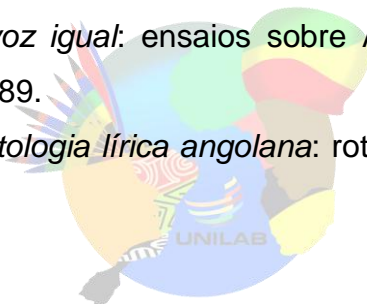
FONTENLA, José Luís. Agostinho Neto e a literatura africana lusófona. In: *A voz igual: ensaios sobre Agostinho Neto*. Fundação Eng. António de Almeida. Portugal: Angolé, 1989.

MAIMONA, João. As vias poéticas da esperança em Agostinho Neto. In: *A voz igual: ensaios sobre Agostinho Neto*. Fundação Eng. António de Almeida. Angolé, 1989.

MONTEIRO, Maria Rosa da Rocha Valente Sil. In: *A voz igual: ensaios sobre Agostinho Neto*. Fundação Eng. António de Almeida. Angolé, 1989.

PACHECO, Maria Cristina. Estruturas narrativas na poesia de Agostinho Neto, António Jacinto e Viriato Cruz. In: *A voz igual: ensaios sobre Agostinho Neto*. Fundação Eng. António de Almeida. Angolé, 1989.

SOARES, Francisco (Org.). *Antologia lírica angolana: roteiro mínimo*. Campinas: Editora Unicamp, 2019.



Recebido em: 11/02/2022

Aceito em: 25/05/2022

Para citar este texto (ABNT): BRITO, Regina Helena Pires de; CONCATO, Camila. Agostinho Neto, um poeta social. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), vol.2, nº1, p.389-402, jan./jun. 2022.

Para citar este texto (APA): Brito, Regina Helena Pires de; Concato, Camila.(jan./jun. 2022). Agostinho Neto, um poeta social. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 2 (1): 389-402.